

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR
Contextualização da obra



**ALGUÉM
MUITO
ESPECIAL**

Miriam Portela

Ilustrações **Odilon Moraes**

Coordenação pedagógica
Maria José Nóbrega

DE LEITORES E ASAS

María José Nobrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.



*Um pouco sobre Miriam Portela, a autora de *Alguém muito especial**

Miriam Portela nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, mas vive em São Paulo há mais de trinta anos. É formada em Jornalismo e durante muito tempo trabalhou em televisão, nas mais diversas funções. Foi repórter, apresentadora, chefe de reportagem, editora. Miriam começou a escrever quando criança. Ao todo tem mais de vinte livros infantis publicados.

A OBRA

O menino tinha cinco anos quando o irmãozinho nasceu. Surpreendeu-se com as mudanças de comportamento da família: o pai tornou-se sério de repente, a mãe andava quase sempre de olhos vermelhos. Como o bebê tinha olhos puxados, o menino deu-lhe o apelido de China. E brincava muito com o irmão, apesar de ficar triste porque China não conversava e brincava de um jeito esquisito, muitas vezes sem olhar para ele.

Com o tempo, porém, o menino deu-se conta: China olhava para dentro! Apesar das diferenças entre eles, desenvolve-se uma sensível relação de cumplicidade. O menino passa a ouvir a voz do irmão, misteriosamente, até mesmo quando está dormindo. E, quando a mãe finalmente lhe explica que seu irmãozinho é excepcional, fica emocionada com a compreensão que o filho mais velho demonstra.

Certo dia, quando uma chuva torrencial repleta de raios temíveis desaba enquanto o pai leva os dois filhos para brincar no campo, China ensina algo ao irmão: que não se pode temer as tempestades. E o garoto compreende o quanto ainda tem para aprender com o irmão especial.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Nessa delicada história sobre o relacionamento de dois irmãos, a autora nos introduz no universo dos portadores da síndrome de Down. Mais exatamente, no universo daqueles que precisam conviver com essas pessoas "especiais". O livro é um poema à amizade, às diferentes formas de escuta que ela requer, à capacidade de compreensão que pode surgir quando não temos acesso à linguagem verbal. O problema é tratado de maneira original, verdadeira e corajosa: mostra-se não como um drama, mas como uma oportunidade de descobrir novas formas de comunicação e de linguagem.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Conto.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Ciências.

Tema contemporâneo: Vida familiar e social.

Público-alvo: 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.